



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

VITÓRIA KASSANDRA DA SILVA ELIAS

ONDE, EM NÓS, A CASA MORA: SOBRE OS AFETOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

FORTALEZA

2021

VITÓRIA KASSANDRA DA SILVA ELIAS

ONDE, EM NÓS, A CASA MORA: SOBRE OS AFETOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Georgia Albuquerque de Toledo Pinto

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Elo ELIAS, Vitória Kassandra da Silva.
Onde, Em Nós, A Casa Mora: : sobre os afetos na Educação Infantil / Vitória Kassandra da Silva ELIAS. –
2019.
40 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação,
Curso de Pedagogia
, Fortaleza, 2019.

Orientação: Profa. Dra. Georgia Albuquerque de Toledo Pinto.

1. Afetividade. 2. Acolhimento Escolar. 3. Educação Infantil. I. Título.

CDD 370

*Para que as luzes do outro sejam percebidas
por mim devo por bem apagar as minhas, no
sentido de me tornar disponível para o outro.*

Mia Couto

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por possibilitar a realização de mais um sonho, secundamente a minha família, amigos e professores que sempre me encorajaram a acreditar no meu sonho em meio a todas as dificuldades que surgiram durante esses últimos anos. Em especial agradeço a minha avó Maria por todos os conselhos e cuidados que me tornaram mais forte para viver a vida difícil e nunca desistir, e por ter me ensinado que humildade é essencial para que possamos viver em união com nós mesmos.

RESUMO

O período de adaptação escolar representa uma fase de muitas mudanças para a criança. A partir de uma concepção de afetividade como ferramenta que facilita o processo de mediação desse período, é possível garantir a construção de um ambiente acolhedor e seguro, onde a criança seja atendida em suas necessidades e especificidades e, dessa forma, possa interagir com o meio escolar e participar ativamente das vivências propostas. Para tanto, é necessário que todos os envolvidos participem, buscando uma relação de diálogo, parceria, trocas de experiências, bem como disponha de um planejamento que, considerando as singularidades de cada criança e seus ritmos, oriente esse processo e pense esse momento de acolhida de forma a garantir a flexibilidade necessária ao mesmo. Nesse sentido, a preparação para o acolhimento escolar deve contar com a articulação entre a teoria e a prática, expressando, na prática, a ideia de afetividade enquanto elemento trabalhado com intencionalidade pedagógica e necessário à construção de vínculos entre a criança e o adulto de referência.

Palavras-chave: Afetividade; Acolhimento Escolar; Educação Infantil.

ABSTRACT

The school adaptation period represents a phase of many changes for the child. From a concept of affectivity as a tool that facilitates the mediation process of this period, it is possible to ensure the construction of a welcoming and safe environment, where the child is attended to in their needs and specificities and, thus, can interact with the environment of school and actively participate in the proposed experiences. Therefore, it is necessary that everyone involved participate, seeking a relationship of dialogue, partnership, exchange of experiences, as well as having a plan that, considering the singularities of each child and their rhythms, guide this process and think about this moment of welcome in order to guarantee the necessary flexibility. In this sense, the preparation for the adaptation period must rely on the articulation between theory and practice, expressing, in practice, the idea of affectivity as an element worked with pedagogical intention and necessary for the construction of bonds between the child and the adult of reference.

Keywords: Affection; School Adaptation; Child Education.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Plataformas pesquisadas.....	27
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: SOBRE O PERTENCIMENTO	11
CAPÍTULO 2: SOBRE SER ADULTO DE REFERÊNCIA	17
METODOLOGIA	25
ANÁLISE DE DADOS	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

*Não sei se a vida é curta ou longa
para nós,
mas sei que nada do que vivemos
tem sentido,
se não tocarmos o coração das
pessoas.*

Cora Coralina

Esta pesquisa pretende discutir sobre os afetos e a construção dos vínculos entre os bebês e os adultos de referência no período de adaptação escolar dos mesmos na educação infantil. Nossa pergunta de partida é entender como a afetividade pode ser ferramenta que amplia a capacidade de acolhimento desses bebês na educação infantil?

O processo de acolhimento na escola deve considerar a inserção da criança em um ambiente muito diferente não só com relação ao espaço físico, mas também aos vínculos e às relações sociais que ela irá vivenciar, ao envolvimento com diferentes culturas, personalidades e crenças, às rotinas que comportarão diferentes atividades as quais não estava habituada a participar, à imposição de regras escolares, à alimentação, ao contato com materiais diversos, etc.

É um período em que a criança é inserida em uma nova rotina e entra em contato com novos adultos de referência e outras crianças que poderão permanecer um ano letivo ou mais em sua vida, construindo vínculos, compartilhando momentos e conhecimentos. Os papéis sociais também são modificados e as relações familiares também são reorganizadas afetivamente para dar espaço à emergência de um sujeito da aprendizagem, ativo e autônomo. Todas essas mudanças na vida da criança exigem da criança adaptações para a constituição de uma nova rotina, na qual não terá os pais próximos à ela, não ocupará mais o papel de filho e irmão, mas irá experimentar novos papéis sociais. E todas estas questões, podem tornar esse acolhimento mais difícil e delicado até que a criança possa compreender a necessidade desse novo espaço em sua vida.

Para essa discussão dividimos o trabalho em quatro partes. No primeiro capítulo, discutimos o acolhimento da criança no ingresso à instituição de Educação infantil, as considerações acerca desse processo e as diferentes concepções dos envolvidos que refletem na prática escolar a forma como são vistas a afetividade e as questões emocionais das crianças nesse período de inserção escolar.

No segundo capítulo, discutimos sobre o adulto de referência, o professor ou assistente, que é responsável em criar um ambiente seguro e usar o tempo de forma a ser o mediador na criação de laços, vínculos saudáveis entre cada criança e o ambiente, os colegas e todos os profissionais que fazem parte da cena escolar.

No terceiro capítulo, trazemos a metodologia de nosso trabalho feita a partir da busca por obras relacionadas à temática aqui tratada, bem como a leitura e análise das mesmas.

No quarto capítulo, fazemos a análise dos dados, pontuando, a partir do material coletado e das leituras, as análises, compreensões, reflexões e articulações entre as obras selecionadas, trazendo contribuições e levantamentos importantes para a temática em questão.

Até chegarmos em nossas considerações finais nas quais trazemos as percepções oportunizadas a partir da análise, refletindo acerca das constatações observadas e ideias construídas através da articulação entre as concepções dos autores.

CAPÍTULO 1: SOBRE O PERTENCIMENTO

*Muitas vezes basta ser: colo que acolhe,
braço que envolve, palavra que conforta,
silencio que respeita, alegria que contagia,
lágrima que corre, olhar que acaricia,
desejo que sacia, amor que promove.*

Cora Coralina

A introdução da criança na instituição escolar pode desencadear diversas emoções e sentimentos que refletem na prática a individualidade de cada uma, em resposta ao desconhecido, expressando de diversas formas e intensidades o que estão sentindo, cada uma à sua maneira e ritmo.

A concepção de infância, implícita na abordagem que a escola adota, assim como suas práticas, condutas, valores e princípios, se expressam no processo de acolhimento das crianças, e cada uma, da sua forma, interpreta de acordo com seus conhecimentos prévios e cultura.

Nessa perspectiva, a escola possui grande influência na construção das relações e rotinas que estarão presentes na cena escolar, priorizando ou não a afetividade, as emoções, a individualidade das crianças, tendo grande poder sobre as orientações impostas aos envolvidos para esse período, determinando suas normas, regras, preparações para o período de acolhimento, as atividades previstas para esse período, a presença ou não da família, etc.

Com isso, a escola, a partir do que é pensado no planejamento para esse período, revela no dia-a-dia as fragilidades que podem ter sido deixadas de lado na preparação para a chegada das crianças, tendo em vista que, ao não considerar as emoções e negando uma concepção de afetividade como parte do conjunto de condutas necessárias para um acolhimento efetivo, pode tornar todo o processo mais complexo, refletindo uma rotina em que as crianças não se sentem acolhidas, seguras ou amadas.

A forma como cada professor ou profissional da educação entende o acolhimento, assim como os pais ou responsáveis, interfere na compreensão sobre a importância da afetividade nesse momento, pois a concepção que se tem pode moldar as condutas a serem

adotadas, considerando importantes ou não determinadas ações, atividades, relações, estratégias etc. Essa articulação entre a concepção sobre o acolhimento e as condutas decorrentes do mesmo, se encontra em constante diálogo com o que se espera nesse processo de inserção da criança no ambiente escolar, quais os resultados esperados e em quais prazos devem ser obtidos, o que traz uma subjetividade que reflete o caráter pessoal de cada envolvido nesse processo de lidar com o que é observado em cada criança, bem como os direcionamentos que serão acordados entre as partes como os mais eficazes para proceder.

As próprias atividades presentes na educação infantil geralmente cooperam para a construção de um ambiente afetivo através da ludicidade, interações ou brincadeiras, mas ainda assim podem, por conta de uma concepção que não considera importante a afetividade ou de uma não reflexão sobre ela, se apresentar na didática do professor como resultado de algo que somente acontece naturalmente e somente entre as crianças sem a presença do professor ou a intencionalidade de que isso aconteça, e dessa forma excluir a afetividade dos outros momentos em que a criança não está brincando ou em contato com outras crianças.

Com isso, refletir sobre a afetividade e sua importância na inserção da criança à escola se mostra importante não só para compreender as implicações que um ambiente afetivo pode proporcionar ao ambiente escolar, como também possibilitar uma reflexão acerca da própria prática docente.

As emoções podem facilitar a passagem por esse período pois, levando em conta o contexto social da criança, suas experiências anteriores com a rotina escolar, o apoio que ela tem da família, seus gostos e interesses e as dificuldades apresentadas nos primeiros dias, é possível proporcionar uma experiência mais confortável para a criança, tendo em vista que as atividades serão pensadas a partir da realidade dela e levando em conta sua história e suas experiências. Nesse sentido é importante refletir acerca da construção de relações afetivas no ambiente escolar objetivando compreender a forma como a afetividade se apresenta nesse período nas relações construídas, na compreensão da criança do que é a escola e no comportamento em resposta aos primeiros dias nesse novo ambiente, bem como analisar a visão da escola acerca da afetividade nesse processo e de que forma essa visão reflete nas práticas escolares durante esse período.

Todas as crianças em algum momento de sua vida passam pelo período de adaptação à escola, sendo uma fase muito marcante tanto para ela como para os familiares, uma fase de muitas mudanças e novidades. O período de inserção na escola pode ser muito difícil para as crianças da educação infantil, principalmente quando se leva em conta a o distanciamento que terão que enfrentar de seus pais e conhecidos, dentro da nova rotina. E em resposta a essa nova

fase a criança poderá manifestar diversos sentimentos e comportamentos no processo de compreensão do novo espaço, sendo muito importante que tenha um suporte tanto físico, em que tenha contato com objetos conhecidos, com a natureza, demonstrações afetivas, etc, como também emocional, tendo em vista que é importante que ela saiba que tem com quem contar e que não está sozinha nesse processo.

O afeto pode se manifestar de diversas formas, seja fora da escola, na hora da recepção das crianças ao cumprimentar, abraçar, fazer gestos de carinho, elogiar, seja durante o momento na escola, nas atividades, nas brincadeiras, no diálogo, nas interações através do apoio, da escuta, da atenção ao que a criança está comunicando e na ação em decorrência ao que ela comunicou. Nesse sentido, é necessário procurar compreender o que está se passando e procurar a melhor forma de intervir para minimizar as dificuldades que as crianças podem estar enfrentando e evitar que tais dificuldades interfiram no seu processo de aprendizagem.

Dessa forma, a afetividade no período de adaptação se apresenta como mais um recurso para tornar esse processo mais fácil para a criança, considerando que esse período de certa forma envolve muita emoção e conseqüentemente muitos sentimentos na criança, é um novo ambiente para ela, com pessoas novas e rotina nova em que será submetida para se adaptar, com isso ela pode manifestar essa novidade de diversas formas. As emoções estão muito presentes em todo o processo e nesse sentido percebe-se a importância de compreender como a afetividade pode influenciar na interpretação que a criança vai construir acerca desse processo, de que forma ela vai assimilar esse novo espaço a partir de um ambiente que preza pela afetividade de uma forma prioritária, que considera suas emoções e inseguranças.

Por ser algo subjetivo ao ser humano, as emoções se expressam de diversas formas revelando a individualidade de cada um, compreende uma experiência única, e nesse sentido o professor deve ter em mente que pode ser uma experiência realmente traumática para a criança, principalmente devido ao distanciamento de seus pais. Segundo Estrenzel (2002) o distanciamento dos vínculos parentais deve ocorrer quando não for mais tão traumática para a criança, de acordo com seu ritmo, para a construção de novos vínculos na escola, o que irá se desenvolvendo com o tempo, no contato diário, na medida em que a criança permanece mais tempo na escola e conhece melhor os espaços, as pessoas, a rotina e seus colegas. Os pais devem ficar nesse primeiro momento mais presentes com o objetivo de fazer com que essa inserção na escola seja gradual e respeite o tempo de cada criança, tendo em vista que para ela, ter a mãe, o pai, ou algum parente próximo na sala de aula pode ser muito tranquilizador, construindo para ela a noção de que se alguém que ela confia entrou na sala, significa que realmente é um ambiente seguro e ela pode confiar em ficar também.

De acordo com Wallon (1968, p. 14) “a emoção é um facto fisiológico nas suas componentes humorais e motoras; é um comportamento social nas suas funções arcaicas de adaptação. A emoção é uma linguagem antes da linguagem”, e com isso é possível compreender a grande influência que as emoções podem ter no comportamento do ser humano, alterando a concentração, disposição, motivação ou o desempenho escolar no geral, e dessa forma, vindo a melhorar ou dificultar o processo de adaptação da criança à escola, tendo em vista que as emoções vivenciadas por ela irão interferir na interpretação que terá desse novo espaço e consequentemente desencadear comportamentos que as expressem.

Para o autor o sujeito está completamente imerso nas suas emoções, que por sua vez compreendem a exteriorização da afetividade. A cada experiência com o ambiente, a evolução mental do sujeito é determinada de forma muito presente pelas influências afetivas e manifestadas de acordo com o que interpretam subjetivamente. Assim, as emoções se expressam podendo ser compreendidas como uma linguagem subjetiva, uma forma de comunicação e de exteriorização das relações afetivas, e com isso devem ter espaço no ambiente escolar, onde muitos vínculos são criados. Devem aparecer na escola não de forma a garantir oportunidades eventuais e pontuais em dias ditos especiais, como o dia das mães ou dia dos pais, mas de forma contínua e efetiva, já que, compreendendo a grande presença das emoções durante a vida, compreende-se a grande necessidade de expressá-las no cotidiano, nas relações do dia a dia.

Tendo em vista a influência que as emoções têm sobre o comportamento é possível compreender a importância de um ambiente acolhedor, que leve em conta as emoções da criança a partir de uma abordagem que tenha como princípio a afetividade no acolhimento dela, o que pode desencadear que ela manifeste comportamentos condizentes com o sentimento de segurança, confiança e felicidade por estar nesse novo ambiente. Com essa abordagem a criança terá a oportunidade de se perceber na sua segunda casa, onde criará vínculos afetivos com os envolvidos e poderá compreendê-los como parte da família, compondo o seu grupo de pessoas próximas. Dessa forma a afetividade traz para criança uma ideia de escola como um ambiente seguro e familiar, onde ela criará laços afetivos, poderá se desenvolver e aprender através das interações sociais.

Montessori traz uma ideia de acolhimento como um processo que deve contar com a mediação do adulto de referência para possibilitar a construção do conhecimento que, por conta das limitações psíquicas, a criança não é capaz de consolidar sozinha, uma mediação de responsabilidade de todos, professores, familiares, corpo escolar, etc, observando e

oportunizando as situações necessárias ao desenvolvimento. No âmbito da ideia de acolhimento, a autora traz que

A descoberta de que a criança é dotada de uma mente capaz de absorver provocou uma revolução no campo educacional. Agora, compreende-se com facilidade porque razão o primeiro período do desenvolvimento humano, quando se forma o caráter, é o mais importante de todos. Em nenhuma outra idade da vida tem-se uma necessidade maior de ajuda inteligente como nesta e cada obstáculo que se interponha, então, à criança diminuirá as possibilidades de aperfeiçoamento da sua obra criativa. Portanto, nós ajudaremos a criança não mais porque a consideramos um ser pequeno e débil, mas porque ela é dotada de grandes energias criativas, que são de uma natureza tão frágil que requer — para não virem a ser aviltadas e feridas — uma defesa amorosa e inteligente. (MONTESSORI, [1987], p. 39)

Nesse sentido, o período de adaptação compreende uma fase de muitas aprendizagens que representam o desenvolvimento do caráter da criança, e que necessita de mediação para que seja possível aprender. Os obstáculos advindos da falta de compromisso com essa fase da vida e que se agrava quando se tem uma situação de inserção escolar não planejada, podem impossibilitar que a necessidade de mediação pontuada por Montessori seja suprida e direcionar o processo aprendizagem e acolhimento para uma situação em que há o aumento das dificuldades e até mesmo limitações determinantes para o desenvolvimento da criança enquanto sujeito essencialmente social e interativo.

Com isso, a autora traz uma concepção de educação como dimensão indispensável para a vida humana, devendo assim considerar as singularidades e necessidades subjetivas de cada criança em seu processo de desenvolvimento em sociedade. As construções sociais acerca do que se entende por educação influenciam na construção do que se entende como papel social da mesma, e, considerando o acolhimento como uma inserção em uma instituição social formadora, as condutas a ele referidas também representam essas conceituações do que seria educação. Montessori defende que

Se é evidente que a sociedade deve exercer um controle benéfico sobre o indivíduo humano, e se também é verdade que a educação passa a ser considerada como uma ajuda à vida, este controle jamais deverá ser constrição e opressão, mas deverá oferecer um apoio físico e psíquico. Isto significa que o primeiro passo que a sociedade deverá dar será o de destinar meios mais amplos à educação. (MONTESSORI, [1987], p. 24)

Nesse sentido, é importante que as compreensões do papel da educação possam ser elaboradas a partir do que é observado na prática, em uma prática que tem como fundamento a

ideia do cuidar e educar enquanto constituidores indissociáveis e básicos para o desenvolvimento do indivíduo social. A afetividade compõe a amplitude dos meios que devem ser considerados na prática educativa. O apoio à criança é uma conduta necessária para garantir que a educação possua em sua atuação social meios que não se resumam a transmissão de conhecimentos ou controle, mas que considere o indivíduo enquanto corpo e mente, sujeito que necessita de auxílio, mediação para se desenvolver.

CAPÍTULO 2: SOBRE SER ADULTO DE REFERÊNCIA

*E isso não é coisa de outro mundo,
é o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela não seja nem
curta,
nem longa demais, mas que seja
intensa,
verdadeira, pura enquanto durar.*

Cora Coralina

Nesse sentido também é possível perceber a importância de um olhar sensível pelo professor, devendo observar atentamente a linguagem não verbal, ou seja, o que a criança expressa para além da fala, e com isso identificar que emoções podem estar influenciando esse período de inserção na escola de maneira negativa, e a partir dessa identificação, intervir a fim de evitar ou eliminar que possíveis sentimentos de medo, desconfiança, insegurança ou confusão, se tornem predominantes no processo, se manifestando em comportamentos de recusa, onde a criança se nega a participar das atividades por conta de seu estado emocional. A observação sensível para com as crianças contribui para a construção de uma concepção de escola como um ambiente seguro e acolhedor a medida que predomina na criança sentimentos de confiança, segurança, alegria e estabilidade e que a partir desse olhar mais sensível pode-se perceber o que ela comunica através de suas múltiplas linguagens.

Através do olhar sensível é possível também criar uma oportunidade para o diálogo sobre essas emoções observadas na criança, possibilitando que a mesma reflita sobre eles, compreenda e analise seus sentimentos decorrentes dessas emoções, construindo assim uma noção de si mesmo, contribuindo para o desenvolvimento do autoconhecimento e da construção da identidade. Essa oportunidade de diálogo pode se prolongar e abranger atividades no plano de aula para trabalhar os sentimentos, em atividades que incentivem a interação entre as crianças para que compartilhem uns com os outros seus sentimentos, dialogando com os colegas e professor acerca das diferentes formas de sentir.

De acordo com Paulo Fochi (2014) a aquisição da fala não ocorre de forma simultânea à aquisição da capacidade de se comunicar, tendo em vista que antes mesmo da fala a criança apresenta de diversas maneiras sua interpretação do mundo, ou seja, das coisas e relações que a cercam, e a partir disso se comunica. Suas múltiplas linguagens se expressam por meio da fala, gestos, dança, brincadeira, jogo simbólico, teatro, música etc., e representam a interpretação de mundo da criança, a forma como ela enxerga e compreende a sua realidade, e a partir dessa interpretação ela se comunica, na medida que é inserida na cultura. Suas múltiplas

linguagens (não só a fala) expressam nesse período de adaptação a compreensão da criança sobre esse novo ambiente e o que ele represente para ela.

A concepção de criança nesse sentido é muito significativa para a forma como a escola e a família interpreta esse processo de transição, bem como as atitudes e ações que tomam diante das situações, intervindo de acordo com o que acreditam. A partir de uma concepção de criança que considere as múltiplas linguagens que a mesma pode expressar, as atitudes do professor e da família convergem para facilitar esse processo tendo em vista que todas as suas formas de comunicação serão consideradas, oferecendo oportunidades para que o diálogo e intervenções aconteçam na medida em que se identifica possíveis dúvidas, dificuldades ou desconfortos.

Com isso, ao considerar as crianças em suas múltiplas linguagens e singularidades, a orientação para o período de adaptação deve buscar minimizar o surgimento de impactos negativos na criança, bem como auxiliar na construção da concepção de escola pela criança, favorecendo que o seu primeiro contato com o ambiente escolar possibilite que ela o compreenda como um espaço seguro, onde ela consiga se distanciar da sua velha rotina com uma concepção de que aquele espaço não surgiu de repente, mas que ela perceba que está sendo algo processual. A primeira impressão pode ser entendida como um reflexo do que ela vivenciará todos os dias, ou até mesmo para sempre, tendo em vista que os bebês, por exemplo, não têm uma noção de tempo desenvolvida.

Tão importante como o olhar sensível pelo professor, é a escuta sensível. Diferente de apenas dar espaço de fala e ouvir ou perceber o que a criança comunica, a escuta sensível compreende levar realmente em conta o que foi comunicado, trazendo para as intervenções posteriores os interesses trazidos por ela, adaptando a prática docente, tomando alguma atitude de fato, problematizando e dialogando sobre o que ela disse. De acordo com Fochi (2014, p. 15) “as cem linguagens das crianças ganharão força se aprendermos a escutá-las”, trazendo para a prática da escola, a escuta ativa assegura que a criança seja incentivada a interagir ainda mais, tendo em vista que perceberá que teve sua fala levada em consideração realmente, o que contribui para um ambiente onde a afetividade está presente para além de demonstrações físicas de afeto, mas está presente nas relações, nas trocas, na valorização da criança e suas múltiplas linguagens.

A participação da família nesse início do período de adaptação é fundamental para construir com o professor os melhores caminhos que facilitarão uma inserção mais tranquila para a criança, tendo em vista que na educação infantil ela pode estar tendo o primeiro contato com a escola ou pode ser a primeira experiência em que ela não terá os pais presentes como

referência, dessa forma a parceria com a família pode representar uma ponte entre a criança e a escola, trazendo para o processo um caráter de transição. Estrenzel (2002) defende que deve haver trocas entre a família e os professores, de forma que os professores apresentem para a família o espaço da escola, o projeto pedagógico, a rotina, etc, quanto a família apresente seus conhecimentos acerca da criança para os professores, suas vivências, histórias de vida, dificuldades, necessidades, expectativas, etc. A partir dessa visão pode-se compreender a importância do diálogo dessas duas instituições sociais entre si e para com a criança, afim de garantir que a ela possa se adaptar da melhor forma possível.

Oliveira (2018) traz que, além de lidar com as experiências diversas que a inserção da criança pode proporcionar, os professores lidam também com as inseguranças das famílias com relação a adaptação de seu filho à creche, onde com o tempo e de uma forma gradual, passam a ter mais segurança, considerando a prática e a competência docente. Muitas perspectivas estão presentes nesse sentido e a divergência de opinião, a falta de diálogo e parceria, a falta de compromisso e compreensão por ambas as instituições sociais em questão favorecem uma adaptação muito turbulenta em que uma culpa a outra e isso é percebido pela criança.

O diálogo deve estar presente não só no período de adaptação, mas em toda a jornada escolar da criança, nessa constante troca de saberes, conhecimentos e vivências, construindo assim um ambiente mais preparado para oferecer o desenvolvimento integral da criança. De acordo com Oliveira (2018)

[...] a confiança entre os envolvidos é fator-chave para o sucesso do processo de adaptação e para o bem-estar da criança, o que só é possível por meio do diálogo ininterrupto entre profissionais e famílias e a ausência de padrões rígidos, durante o processo de adaptação (OLIVEIRA, 2018, p. 25).

A partir dessa concepção pode-se refletir sobre a participação da família como um fator essencial para a construção de um ambiente confiável para todos os envolvidos onde, a partir desse ambiente, as trocas podem complementar o trabalho do professor e oferecer condições para que a criança se sinta parte da escola, compreenda o papel da escola e entenda a importância da escola em sua vida no período de adaptação e para que, nos anos seguintes, tendo em vista o diálogo mesmo depois da adaptação, ela continue em um ambiente seguro onde possa se sentir motivada e compreender a educação como algo indispensável para sua formação como indivíduo.

Desenvolver vínculos nesse primeiro momento de contato com a escola se torna mais fácil quando a família incentiva as interações e quando, ao dialogar com os professores ou

colegas da turma demonstra para ela que o diálogo pode ser muito importante para o aprendizado. Com isso, é importante que a escola, além desse contato com a família, também possibilite oportunidades para que a criança interaja com os outros e construa vínculos afetivos no intuito de que possa compartilhar suas vivências e saberes, expressar suas emoções e sentimentos e dessa forma se desenvolva. A afetividade deve estar presente nas interações sociais não só no período de adaptação, mas em toda a jornada da criança, tendo em vista que possibilita que as emoções não sejam reprimidas e que possam refletir sobre as mesmas, compreender o que estão sentindo e através dessa consciência emocional de si e dos outros possa desenvolver sua identidade, construir seus valores e noções de moral, deixando de lado uma pedagogia que incentive a repreensão da criança, que defenda o conformismo ao que é imposto, que silencie a criança tanto relacionado à fala, quanto às expressões de suas múltiplas linguagens.

A autora traz em sua pesquisa conclusões importantes acerca do período de adaptação das crianças à educação infantil e o papel dos profissionais e da família nesse contexto, concluindo que as professoras e educadoras compreendem o acolhimento como “uma experiência emocionalmente complexa, por potencializar sentimentos em todos os envolvidos (crianças, famílias e profissionais)” (OLIVEIRA, 2018, p. 229). Elas assumem a ausência de um planejamento pedagógico que as oriente e planeje a recepção das crianças e familiares na creche, o que possibilita uma reflexão sobre como essa ausência pode contribuir negativamente nas relações de apoio vindos da gestão, coordenação ou políticas, podendo também gerar o sentimento nas educadoras de que estão sozinhas nesse processo dito complexo emocionalmente. Nesse sentido, é de suma importância que haja planejamento e preparação para esse momento, fundamentado nos conhecimentos prévios das crianças que estão chegando, nas famílias e pessoas envolvidas e em orientações baseadas em órgãos oficiais e teóricos que estudam a área, garantindo que o planejamento não seja elaborado a partir do achismo ou concepções individuais.

De acordo com a **Resolução 002/2010 do Conselho Municipal de Educação de Fortaleza, no inciso X do Artigo 12**, compete à instituição de Educação infantil considerar na elaboração, execução e avaliação da Proposta Pedagógica “o processo de acolhimento e adaptação das crianças e de suas famílias, de modo a fazer a transição adequada do contexto familiar ao escolar”. A partir do exposto é possível identificar uma preocupação do sistema municipal de ensino com o período de acolhimento das crianças na educação infantil, e compreender a importância de se garantir em lei, mesmo que apenas em um caráter municipal, a consideração desse período na elaboração da proposta pedagógica da escola. Quando se

considera no currículo e nas práticas esse processo, pode-se elaborar um planejamento específico para esse momento e propor atividades que considerem as singularidades que esse período traz, tornando assim mais fácil a transição da criança e adaptação à nova rotina.

Ter orientações para a prática nesse momento é muito importante para que se possa planejar e preparar os professores de forma a dar intencionalidade às ações, trazendo para o processo princípios de afetividade, confiança e acolhimento através de atitudes que não se resumam a tentar acalmar a criança ou suprir alguma necessidade eventual, mas que tenham uma fundamentação e estejam presentes ações que mostrem uma intencionalidade, compreendendo a importância pedagógica de tais atitudes para a criança e para o seu processo de aprendizagem. Assim, o planejamento pedagógico de todo o processo de adaptação representa um norte para a prática, possibilita uma prática pensada a partir da compreensão da influência das emoções no físico e emocional da criança, faz com que as atitudes não se baseiem no senso comum, não de forma que se tornem uma regra padronizada, mas que inter-relacionem as experiências dos professores, os seus conhecimentos adquiridos em sua experiência profissional, com uma fundamentação teórica que proporcione esse suporte teórico e que pense as ações com um aprofundamento.

Nesse sentido, é importante considerar que o planejamento deve ser flexível aos contextos e subjetividades das crianças a fim de não padronizar através de um modelo fixo, a recepção de todas as crianças. É necessário que a escola como um todo esteja disposta a ter uma abordagem que se adapte às necessidades que apareçam, não somente no período de adaptação, mas em toda a jornada escolar. Com isso, o planejamento não representa nesse período de adaptação um texto instrumental onde há o passo a passo de como receber as crianças, mas uma orientação fundamentada e aprofundada que traz conceitos, princípios, atividades e reflexões acerca da afetividade.

Segundo ‘Os Referenciais Para Formação De Professores’ do Ministério da Educação (1999) trazem a dimensão da afetividade no trabalho docente e afirmam que

Mais precisamente na situação de docência, o professor precisa administrar um conjunto de relações interpessoais marcadas por conteúdos afetivos os mais diversos, que atingem tanto a ele quanto a seus alunos. [...] A qualidade das relações afetivas e dos valores que permeiam as interações sociais na escola tem papel determinante no sucesso escolar dos alunos. O convívio escolar e as situações de aprendizagem frequentemente colocam os alunos em contato íntimo com seus desejos, inseguranças, medos, ansiedades, e espera-se que o professor os encoraje e contribua para o desenvolvimento de autoconfiança, de uma auto-imagem positiva e respeito por si próprios e pelos outros. O acolhimento do professor aos alunos não pode ser confundido com piedade que se expressaria em "coitado, isso é muito difícil para ele". (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1999, p. 57).

Com isso, é possível compreender que a afetividade faz parte do trabalho docente e se apresenta nas interações sociais no cotidiano escolar, a formação deve compreender esse aspecto e proporcionar aos docentes reflexões acerca do seu papel na construção das relações afetivas e desenvolver uma concepção de escola como espaço de acolhimento considerando argumentos teóricos e a intencionalidade pedagógica nas atividades planejadas para esse período.

Também é possível refletir sobre a relação entre a presença de relações afetivas e o desempenho escolar dos alunos, tendo esse determinismo como principal pauta para discutir sobre a importância da afetividade na aprendizagem. Portanto, o período de adaptação das crianças pode ser determinante para o seu progresso escolar, tanto no processo de construção das relações, estimulando a participação, interação e desenvolvendo a linguagem, quanto no processo de aprendizagem, desenvolvendo os aspectos cognitivos e mediando a construção do conhecimento.

Nesse sentido, a afetividade no trabalho docente, de um modo geral, se diferencia no que se refere a conhecimentos pessoais e conhecimentos teóricos, com estudos que fundamentam a prática das relações afetivas. Uma concepção de afetividade se resumindo a oferecer colo ou demonstrar carinho ao sentir dó da criança quando está chorando ou se negando a participar não deve compor o trabalho pedagógico do professor, devendo este desenvolver a construção de um ambiente afetivo considerando um acolhimento que tenha a consciência da influência que as relações afetivas têm sobre o processo de aprendizagem da criança, bem como as implicações que podem causar na construção da identidade dela a partir de uma visão que reconheça a importância de, mesmo no primeiro dia de aula a criança interpreta o ambiente escolar e constrói uma concepção de si mesma.

Portanto, a formação do professor, ao trazer essa concepção de afetividade mais aprofundada e fundamentada, possibilita que se encontre no cotidiano escolar práticas pedagógicas que dão oportunidade à criança de desenvolver suas potencialidades, envolvendo os aspectos físicos, emocionais, motores e cognitivos através de atividades do cotidiano, construídas no convívio do dia a dia. No caso do período de adaptação, essas oportunidades devem oferecer à criança o apoio necessário sem deixar de lado a intencionalidade direta ou indiretamente ligada ao seu desenvolvimento pleno, procurando considerar em cada atividade que nesse período a criança está se inserindo no ambiente escolar e construindo suas primeiras interpretações e noções acerca dele. As atitudes do professor são consideradas nessa construção pela criança, no processo em que ela o torna sua principal referência na escola, ou até mesmo apresenta os mesmos sentimentos de quando está com seus familiares.

A partir dessa concepção de afetividade, o trabalho docente no período de adaptação possibilita o desenvolvimento integral da criança considerando suas singularidades e de que forma se diferenciam das necessidades apresentadas pelas crianças que já estão adaptadas ao ambiente escolar, devendo essas diferenciações se apresentarem não só por meio das atitudes do professor, mas também por meio das propostas pedagógicas, levando em conta na elaboração dessas propostas a flexibilidade de adaptar as atividades para que esse processo seja gradual e respeite o ritmo de cada criança.

A introdução gradual das atividades elaboradas nas propostas pedagógicas para as crianças que se encontram em adaptação se mostra indispensável ao trabalho docente, tendo em vista que sem ter amadurecido uma visão de escola como um ambiente em que ela pode se sentir segura, em que pode interagir e que compreenda que não apresenta perigo ou necessidade de insegurança, a criança só então tende a se expressar e participar ativamente.

A mediação interfere no amadurecimento dos sentimentos iniciais da criança, e é importante considerar que quando essas primeiras inseguranças são consolidadas não significa que a criança vai participar ativamente de todas as atividades só porque não está mais chorando ao ver os pais as deixarem ou porque passaram a interagir mais com os colegas, a criança pode já estar adaptada e simplesmente não se interessar pelo que está sendo proposto na atividade. Nesse sentido é importante que o professor não perceba esse caráter gradual como um passo a passo em que a criança ao final se constituirá como participativa e interativa em todas as propostas, mas como o respeito ao tempo dela, estando presente sempre ao longo da jornada a necessidade de incentivar a participação.

Falk (2011) traz as ideias de Emmi Pikler e sua definição das relações direcionadas aos bebês. O desenvolvimento já nos primeiros dias de vida encontra desafios no decorrer do processo de inserção em sociedade, tendo em vista que a criança experimenta o meio em que vive de forma a compreendê-lo e construir suas primeiras noções de mundo. A ideia de adulto de referência para Pikler proposta por Falk traz a importância do olhar sensível para a criança, devendo este observar e mediar esses desafios buscando desenvolver sua autonomia e independência. O olhar sensível possibilita observar os pequenos, mas muito significativos avanços que a criança expressa no decorrer do processo de desenvolvimento, constrói vínculos e abrange a capacidade observadora do adulto de referência. Para a abordagem Pikler a educadora estaria atuando de forma concreta ao conseguir ampliar o significado das atitudes da criança, compreendendo seus movimentos como representações para além de movimentos puramente involuntários e não intencionais, e, nesse sentido

[...] é preciso que a educadora tenha um interesse pessoal pelo comportamento, pelo desenvolvimento da criança e por sua personalidade. Por outro lado, resulta mais fácil para a educadora estabelecer uma relação afetiva em um tipo de relação como esta [sic], na qual a atividade em comum tem um papel muito importante e a criança passa a ser vista como alguém capaz de contribuir com a educadora. (FALK, 2011. p. 86).

A relação afetiva é uma relação de troca de cuidados e vivências, os todos os envolvidos recebem algum tipo de devolutiva do outro. Dessa forma, o papel da afetividade na construção dos vínculos no período de adaptação também inclui possibilitar a contribuição da criança para com o trabalho feito a ela, dentro de toda a gama de vertentes que a articulação entre educar e cuidar representa. A forma como o adulto de referência percebe a criança, a forma como mediar as atividades propostas, influencia na ideia que a criança terá de si própria, e, a partir dessa autopercepção durante a relação com o adulto, será possível haver diálogo, bem como a contribuição e a parceria que partem da necessidade de um olhar atento do adulto no processo de mediação para com a criança.

Essa correspondência de afeto na relação adulto-criança é compreendida como algo natural, em que

Quando se produz uma atenção recíproca, resulta natural que a criança ofereça o pé para que lhe vistam a roupa. Não é preciso que a educadora faça um esforço especial, nem que peça à criança para participar: trata-se de uma ação especial que integra todo o processo de atenção recíproca. (FALK, 2011. p. 88) .

O diálogo, nesse sentido, não pode se resumir ao simples falar, até porque a fala verbalizada é uma atribuição que talvez ainda não tenha se desenvolvido totalmente na criança ou que ainda esteja em processo inicial de desenvolvimento, portanto, deve se consolidar em uma relação nesse formato de troca que parte, principalmente, do olhar sensível para as múltiplas formas de comunicação e expressão possíveis. As atitudes integram, dessa forma, as mais diversas formas de ser e estar no mundo, expressadas por gestos, movimentos, danças, canções, desenhos, pinturas, interações que representam a identidade, a cultura, a concepção de si e do mundo, a partir de uma perspectiva de constante desenvolvimento e adaptação aos meios e situações.

A relação adulto-criança a partir dessa concepção de diálogo, a observação e escuta ativa, o olhar sensível, a troca mútua, a intencionalidade pedagógica e a afetividade enquanto parte indispensável ao processo educativo, permite que possam se estabelecer os meios necessários para uma adaptação tranquila e proveitosa, onde os envolvidos construam relações de parceria, considerando as singularidades e ritmos de cada criança e, dessa forma, possam pensar juntos as melhores formas de lidar com esse primeiro contato com o meio escolar.

METODOLOGIA

*O bom do caminho é haver volta.
Para ida sem vinda
Basta o tempo.*

Mia Couto

Discutir sobre os afetos e a construção dos vínculos entre os bebês e os adultos de referência no período de adaptação dessa criança na educação infantil no meio de uma pandemia não possibilita a uma variada escolha metodológica. As normas de saúde não permitem que pesquisadores circulem dentro das instituições educativas.

Devido a essa condição, a melhor escolha metodológica para que alcancemos este objetivo, é a pesquisa bibliográfica que, de acordo com Campos (2009), “tem como principal característica o fato de que o campo onde será feita a coleta dos dados é a própria *bibliografia* sobre o tema ou o objeto que se pretende investigar” (p. 36).

Dessa forma, a metodologia nessa pesquisa se caracteriza como um conjunto de estratégias que visa a coleta de dados a partir de um aporte teórico sobre o tema em questão, sendo este o campo de pesquisa. A autora destaca que “Podemos dizer que a pesquisa bibliográfica tem como principal técnica a leitura e como principal instrumento o fichamento bibliográfico” (p. 37), e, dessa forma, a análise de dados é feita a partir de uma base literária, onde algumas obras irão compor as referências a serem utilizadas para alcançar os objetivos da pesquisa.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica envolvendo as concepções de adaptação e acolhimento para os autores; a forma com a qual os adultos de referência trabalham esse momento na escola e as concepções que têm acerca dos vínculos construídos nesse primeiro contato com as crianças; bem como as orientações que os autores trazem aos adultos de referência para esse momento de inserção da criança na escola.

O instrumento para coleta de dados de nossa pesquisa foram plataformas digitais. Foram estudados artigos que estavam disponíveis nas seguintes plataformas: Scielo, Pepsic, Anped, SBU (Sistema de Biblioteca da Unicamp) e Repositório da produção USP.

As palavras-chave empregadas em cada uma das plataformas citadas anteriormente foram: Adulto de referência, Adaptação escolar, Adaptação na educação infantil, Adulto de referência na educação infantil, Afetividade na educação infantil, Afetividade e educação.

Também foi realizada a utilização de filtros de pesquisa quando surgia a necessidade de especificação nas pesquisas, trazendo o foco da mesma para o tema trabalhado em questão.

O procedimento realizado consistiu em pesquisa através das plataformas digitais mencionadas, em que as palavras-chave foram sendo digitadas nas áreas de busca de cada uma das plataformas visitadas e, a partir delas, foi possível obter artigos em formato de PDF para posterior análise.

Muitas das palavras-chave quando pesquisadas nas plataformas não indicavam resultado algum, tornando necessário a troca da palavra para permitir outros resultados possíveis; outras vezes a palavra digitada indicava muitos resultados criando a necessidade de usar filtros para especificar os resultados para a área de pesquisa em questão, procurando nortear a pesquisa para o direcionamento das áreas da educação infantil, afetividade no período de adaptação escolar e adultos de referência na educação infantil.

Após a busca através das palavras-chave iniciei a leitura dos resumos dos artigos para melhorar a seleção do artigo e realizar a análise da pertinência do assunto trabalhado em cada obra levantada.

Também foram observados casos em que apareciam alguns resultados que indicavam artigos com temas muito destoantes do tema em questão, e, por isso, foram desconsiderados na seleção. Também foi possível observar que, mesmo com temas relacionados à pesquisa, alguns artigos indicados possuíam focos muito abrangentes, onde foi observado o tema de uma forma ampliada, sem as especificidades indicadas na presente pesquisa ou mesmo um aprofundamento nas palavras-chave.

Em cada plataforma foram digitadas as palavras-chave nos campos de busca e todo o processo foi registrado em um diário de bordo contendo a quantidade de dados encontrados para cada palavra-chave, a escolha dos artigos com base na relevância do tema dos mesmo para a pesquisa em questão e o ano de publicação, que por conta da pouca quantidade de referências encontradas, não houve um critério de busca para a questão das datas. Nas tabelas abaixo descrevo os passos do levantamento dos artigos em cada plataforma:

Tabela 1 - Plataformas pesquisadas

PLATAFORMA	PALAVRA-CHAVE	RESULTADOS ENCONTRADOS	ARTIGO REFERENCIADO
Pesquisa realizada dia: 15/06/2021			
PEPSIC	“Adulto de referência”	0	-
	“Adaptação escolar”	1	(“Sobre a importância de conhecer e ensinar” 2007)
SCIELO	“Adulto de referência”	3 (sem relação com o tema)	-

	“Adaptação na educação infantil”	2	“Notas de acolhimento”
ANPED	“Adulto de referência”	0	-
	“Adaptação na educação infantil”	0	-
	“Adaptação escolar”	0	-

PLATAFORMA	PALAVRA-CHAVE	RESULTADOS ENCONTRADOS	ARTIGO REFERENCIADO
UNICAMP – SBU (Sistema de Biblioteca da Unicamp)	Adulto de referência na educação infantil”	113	-
	Educação Infantil	43	“Relações entre adultos e bebês na educação infantil: indícios para compreensão de uma docência não linear”
	“Adaptação na educação infantil”	29 (sem relação com o tema)	-
USP – Repositório da produção USP	“Adaptação na educação Infantil”	30	“O ingresso da criança na creche e os vínculos iniciais” 2010
	“Adulto de referência na educação infantil”	12 (sem relação com o tema)	-

PLATAFORMA	PALAVRA-CHAVE	RESULTADOS ENCONTRADOS	ARTIGO REFERENCIADO
Pesquisa realizada dia: 04/07/2021			
Pepsic	“Afetividade e educação”	0	-
Pepsic	“Afetividade na educação infantil”	0	-
SciELO	“Afetividade na educação infantil”	8	“O imperativo do afeto na educação infantil: a ordem do discurso de pedagogas em formação”

Fonte: elaborado pela autora.

Após a seleção das obras para a pesquisa foi feita a leitura das mesmas para posterior análise de dados, trazendo os pontos que se articulam com os objetivos da pesquisa e relacionando com a fundamentação teórica que consistiu o desenvolvimento do tema em questão. A análise dos dados foi feita a partir de um fichamento bibliográfico elaborado para cada artigo, trazendo as citações mais significativas para a pesquisa bibliográfica, buscando identificar elementos que contribuíssem para alcançar os objetivos da mesma.

ANÁLISE DE DADOS

No processo de acolhimento é necessária uma concepção de que o cuidar e o educar são indissociáveis entre si, assim como em todo o processo escolar. Esse contato assistencial é fundamental para que a educação possa suprir as necessidades das crianças de uma forma integral, abrangendo os aspectos físicos, emocionais, sociais, cognitivos etc. Nesse sentido Pantalena (2010, p. 20) destaca que “a experiência de cuidar na creche/escola de infância gera na criança um sentimento de segurança que se mantém, mesmo quando os pais estão ausentes, e dá às professoras a possibilidade de aprender com os pais sobre as crianças”, ou seja, o cuidar é fundamental para o período de adaptação escolar, o que abrange, nesse sentido, não só as questões relacionadas à alimentação e higiene pessoal, mas também à afetividade presente nas interações entre a crianças e os adultos de referência, sejam eles o corpo escolar, família, amigos ou qualquer responsável que participe da vida da criança.

A Pantalena (2010, p. 49) traz que “a figura de referência não é imposta, mas se constitui durante o processo de ingresso como a figura de apego subsidiária em um contexto educacional, cuja principal característica é a confiança”, portanto o professor não deve ser o único a assumir as responsabilidades advindas do processo de adaptação, muito menos deve ser visto como algo imposto ou forçado, mas assumido por todos do corpo escolar, incluindo gestores, coordenadores, auxiliares e funcionários no geral. Trabalhar esse momento de acolhimento proporcionando a construção de um ambiente confortável para a criança é fundamental, ampliando a ideia de adulto de referência para a criança como as pessoas para além das figuras familiares, o que é essencial para o momento de distanciamento das relação com as mesmas.

O distanciamento da criança da relação cotidiana com seus pais é tratado pela autora como um processo doloroso e onde geralmente as crianças não são vistas nem ouvidas em sua dor, pois é

Crucial na vida do ser humano, independente da idade, a separação traz consigo o desenlace de alguém e a permanência sem este alguém. Comumente, adultos procuram ajuda terapêutica para aceitar uma perda. Para o bebê, separar-se dos pais, mesmo que temporariamente, pode ter a mesma dimensão. (PANTALENA, 2010, p. 23).

Pode-se observar nesse sentido que a negligência para o momento de distanciamento das crianças de seus familiares pode ser prejudicial e muito grave, desconsidera a escuta ativa para com a criança e articulação do cuidar e o educar, e, no caso da professora, a qual geralmente a criança terá maior contato na escola, essa deve praticar seu olhar sensível, observando para além da fala o que as crianças comunicam, observando suas múltiplas linguagens.

“Uma vez que passa a ser uma figura de apego para o bebê, a professora passa também a ser sua base segura na ausência da figura materna. Todo o papel desempenhado pela mãe é transferido temporariamente para a professora.” (Pantalena, 2010, p. 33).

As relações entre a mãe, a criança e o adulto de referência, que pode ser a professora, a auxiliar de sala ou a equipe escolar no geral, promove o desenvolvimento de uma concepção do período de adaptação como um processo seguro, em que a criança poderá trazer sua atenção para as atividades pedagógicas propostas, tendo em vista que se sentirá segura e confortável a interagir, no momento em que supriu suas necessidades básicas e os medos que são comuns nesse período.

“As características individuais de apego e a qualidade das intervenções propostas pela figura de referência determinam o tempo de permanência da mãe. As intervenções englobam a organização de um espaço instigante para a criança explorar, a criação de um clima acolhedor para todos sentirem-se bem, a observação da relação mãe-filho, o estabelecimento de uma relação triádica e tornar-se a figura de referência para mãe e filho, assumir os cuidados da criança e orientar o distanciamento gradual da mãe” (PANTALENA, 2010, p. 54)

A partir dessa colocação é possível perceber a importância de respeitar o tempo de cada criança nesse momento de distanciamento, avanço que só será possível a partir de uma relação sólida da família com o professor, onde poderão compartilhar fatos da criança que auxiliarão da construção de estratégias para identificar o momento ideal em que ela se mostre realmente pronta para ficar na escola sem os pais. Com isso, o olhar sensível dito há pouco é muito importante, pois, mesmo olhando forma como ela interage com as outras crianças ou a qualidade de sua alimentação ou sono, todos esses aspectos não-verbalizados, podem contribuir para identificar os avanços no processo gradativo de distanciamento da criança em relação aos seus pais.

A autora pontua Motta (2014) em sua pesquisa que traz que “Com a ampliação do acesso à educação no Brasil, o atendimento quase total da demanda pelo Ensino Fundamental se consolidou por volta de 1990” (PANTALENA, 2010, p. 209), podendo concluir que houve uma demanda maior por matrículas na educação infantil e ensino fundamental, tanto por conta do reconhecimento da educação infantil como parte da Ed. Básica, quanto por conta dos incentivos dos investimentos voltados para a educação (Fundeb, Pro infância). Com o aumento

dessa demanda aumentaram também as discussões sobre a formação dos professores, as práticas docentes e os documentos oficiais que regem a educação, bem como o período de acolhimento do educando ao adentrar no ambiente escolar.

Nos Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação, Pantalena (2010, p. 212) traz que “A questão do acolhimento é tratada, então, sob a perspectiva do estabelecimento de uma relação que antecede o ingresso da criança na instituição e que permite aos profissionais e às famílias um conhecimento mútuo, além de uma continuidade desse contato para a escuta de solicitações, reclamações ou sugestões”, ou seja, os parâmetros trazem que a construção de vínculos vem antes mesmo que a criança seja inserida na rotina escolar, sendo o período dela na escola uma continuação desse processo de adaptação, devendo haver uma preparação e um planejamento fundados principalmente no diálogo entre a família e os adultos de referência da escola. As orientações também tratam sobre o respeito ao momento de acolhida, trazendo como orientação, inclusive, a possibilidade de que os responsáveis permaneçam na instituição nesse primeiro momento ou que as crianças possam levar algum objeto pessoal com o qual se sintam familiarizadas, observada a necessidade, pensando a melhor forma de garantir que esse momento respeite as peculiaridades de cada criança e desenvolva uma relação de confiança entre a família e os profissionais da instituição.

No documento ‘Subsídios para Diretrizes Curriculares Nacionais Específicas da Educação Básica’ a adaptação aparece como um elemento que acomete a todos os envolvidos e não apenas às crianças enquanto objeto da ação pedagógica, portanto é um processo no qual a criança, a família e a instituição se adaptam às novas relações e vivências compartilhadas entre si, trazendo as diferentes perspectivas e visões de mundo. Nesse sentido é possível refletir acerca do conceito de acolhimento, sendo algo que não impacta somente as crianças, mas um termo que abrange todos os envolvidos no período de adaptação e que constitui desafios e conquistas para todos, ainda que de formas diferentes e em diferentes intensidades.

A autora traz que o termo (acolhimento) recebe uma influência de Reggio Emilia, busca promover um acolhimento planejado para “inserir” a criança estabelecendo vínculos de uma forma gradual sem que haja uma limitação temporal para que esse processo se concretize, respeitando o ritmo de cada criança a partir de uma parceria com os responsáveis, onde os mesmo vão reduzindo o tempo de permanência na instituição observando as necessidades apresentadas, a partir de uma fundamentação teórica baseada na pedagogia das relações, em que “[...] as crianças são consideradas agentes ativos e capazes e irão construir seus conhecimentos a partir das relações e das interações que estabelecerem” (PANTALENA, 2010, p. 218).

Na pesquisa feita é possível identificar um acolhimento sem um planejamento específico, o que resultou em uma vivência aparentemente despreparada e desorganizada, mostrando, assim, a importância de se pensar esse momento de forma antecipada, trazendo os diferentes pontos de vista, a participação da família, orientações aos familiares e professores, um cuidado com as atividades pensadas, a preparação do espaço etc. É observada também uma confusão entre o lado profissional e o lado pessoal dos profissionais da escola, onde é possível identificar pensamentos trazidos da ideia de escola como um espaço assistencialista, em que o cuidar e o educar não se configuram como dimensões indissociáveis e em que não se sabe diferenciar o papel de cada uma no processo educativo, sem articular essas duas dimensões para uma educação significativa.

Nesse sentido a Pantalena (2010) destaca que

Para que o acolhimento se torne uma realidade, a dimensão do cuidado deve receber especial atenção. Cuidado, nesse contexto, se refere a uma postura de respeito às necessidades integrais da criança, observando-se o conforto, a alimentação, a socialização, as necessidades de repouso e, ainda, as necessidades emocionais e as características individuais, a identidade racial, cultural e de gênero. A dimensão do cuidado se inscreve numa esfera da ética que deve permear todos os níveis de ensino, independentemente da idade dos sujeitos envolvidos. (PANTALENA, 2010, p. 225).

O acolhimento, considerando todos esses aspectos, deve ser organizado e pensado antecipadamente através do planejamento, tratando dos momentos desde a recepção das crianças até sua saída, considerando as diversas situações possíveis que podem ocorrer nos diferentes relacionamentos, orientando os familiares acerca de suas condutas e seu papel enquanto acompanhante e buscando construir uma parceria com troca de informações, diálogos individuais e coletivos, apresentando a proposta da escola na prática docente vivenciada em sala de aula, e tratando até mesmo de aspectos mais simples como identificar os nomes das crianças. O planejamento deve conter as orientações necessárias aos profissionais acerca do que foi preparado para o dia, bem como considerar a indissociabilidade do educar e do cuidar, fazendo com que um não receba mais atenção do que o outro, mas garantindo a articulação dos mesmos, com experiências que expressem o educar e o cuidar em suas especificidades.

O planejamento não deve constituir orientações engessadas ou padronizadas, mas flexíveis, tendo em vista que cada criança compreende e expressa esse período de formas diferentes, trazendo seus conhecimentos e experiências prévias, seus hábitos, interesses, dificuldades e afinidades. Com isso é necessário que ele considere a importância do cuidado e da afetividade, que, por constituírem questões sociais e emocionais, devem ser espaço para

adaptações futuras, observando o que é possível perceber a partir da construção dos primeiros contatos.

Carvalho (2014) problematiza a perspectiva da afetividade no trabalho docente, em que muitas vezes é entendida como um requisito ou elemento essencial para a prática pedagógica, e a forma como essa concepção imperativa de relacionar o afeto a ser um bom professor, que pode ser visto principalmente na educação infantil, pode significar uma classificação dos professores baseada na sua proximidade afetiva com seus educandos. A afetividade como condição para o exercício da docência é uma ideia equivocada que muitas vezes se torna um atributo mais requisitado do que a própria formação acadêmica e a fundamentação teórica que traz a intencionalidade pedagógica para o trabalho docente, sendo, assim, necessário que mesmo nos momentos de demonstração de afeto, não se deixe de lado a intencionalidade pedagógica e a concepção de educação como a articulação de diferentes dimensões que envolvem o físico, social, emocional, motor e cognitivo, e, nesse sentido, nenhuma dimensão deve sobrepor outra. E Pantalena (2010, p. 239) destaca que “[...] é importante que o afeto seja pensado no contexto do trabalho pedagógico, articulado com as relações de cuidado, educação e ludicidade que são estabelecidas com as crianças no espaço institucional”, e essa articulação deve se confirmar no planejamento através de atividades e interações que possibilitem o trabalho pedagógico nas mais diversas dimensões que envolvem o educar e o cuidar, trazendo a perspectiva de afetividade como algo tão necessário quanto a interação, a brincadeira, a mediação, a escuta ativa, o olhar sensível, a concepção de criança como sujeito ativo e de direitos, etc. A partir dessa concepção é possível identificar o ambiente afetivo como meio de auxiliar o trabalho pedagógico e não como uma condição central para o processo educativo.

A autora também traz a questão do gênero na educação, o fato de se ter ainda hoje de forma muito marcante uma atribuição do trabalho de professor exigido mais fortemente para as mulheres na educação infantil e isso da mesma forma apresenta condições infundadas ao trabalho pedagógico, associando ao gênero o exercício da docência, trazendo uma concepção de professor de educação infantil baseada de forma determinante em estereótipos onde o mérito acadêmico é desconsiderado, bem como toda a experiência em sala, a intencionalidade pedagógica nas atividades, entre outros elementos que não são levados em conta para classificar o “bom” ou “mau” professor.

É possível perceber, desta forma, a importância de reafirmar a proposta pedagógica do trabalho docente principalmente aos familiares e indivíduos que possuem essas concepções equivocadas do papel do professor e da escola, conscientizando e reconstruindo saberes visando

a uma ampliação dos significados que a educação tem para a sociedade, e, no caso, para o período de inserção da criança na escola. A partir da consciência desses elementos, é possível que as famílias e envolvidos no período de adaptação identifiquem a importância de todo o trabalho escolar e preparação para a recepção das crianças, compreendendo que a afetividade não se trata da principal dimensão na prática da educação infantil, mas que é igualmente importante ao se articular com as demais dimensões que envolvem o processo educativo, é necessária a desconstrução desses estereótipos que limitam a prática docente à necessidade de haver afeto nas relações ou atribuições de gênero, para que não acabe desconsiderando toda a bagagem teórica que fundamenta a ação docente a partir da práxis e da intencionalidade pedagógica.

Escaraboto (2007) traz a perspectiva da escola da profissão de professor, considerando um grande desafio por, principalmente, ter que estar sempre se atualizando e mantendo uma rotina de estudos, e o que se vê é uma tendência de que os professores se conformem com o que é proposto no planejamento escolar e acabe por reproduzir a mesma didática, as mesmas atividades e mesmas metodologias de ensino, ainda que ultrapassadas, justificando a não renovação e flexibilidade de sua prática docente.

Em tempos desfavoráveis a uma prática educacional com qualidade, a autora traz que um olhar sensível para as crianças possa promover uma mudança mais simples e igualmente eficaz, se comparado a somente modificar a grade curricular da escola, por exemplo, e, a partir desse olhar sensível, conseguir identificar as práticas que melhor suprem as necessidades coletivas e individuais das crianças no ambiente escolar, construindo um ensino contextualizado e adaptado ao novo, com novas perspectivas. Ao se referir à adaptação das crianças a autora traz que

É natural que os professores conheçam os seus alunos aos poucos, principalmente no início do ano letivo, no qual diversas variáveis interferem nesse processo: crianças advindas de outras escolas e cidades, expectativas altas sobre a adaptação da criança na série, além de tantas outras concepções que permeiam as relações escolares. No decurso de semanas e meses, o professor vai percebendo que alguns de seus alunos progredem, mas que outros apresentam dificuldades e ficam para trás. (ESCARABOTO, 2007, p. 135).

Com isso, pode-se observar as diversas variáveis que podem interferir no processo de chegada da criança à escola, que vão sendo identificadas no decorrer do tempo, durante o processo de conhecer o aluno e suas dificuldades. Nesse sentido é muito importante que o adulto de referência que esteja com a criança nesse processo conheça-a e busque as melhores formas de identificar essas dificuldades a fim de elaborar práticas que a auxilie a superá-las,

promovendo, assim, a interação da mesma com o ambiente escolar, trazendo situações que desenvolvam relações de diálogo, confiança, acolhimento, respeito e trabalhando suas dificuldades a partir desse olhar sensível e próximo, bem como uma escuta ativa dos seus anseios, interesses, experiências, considerando verdadeiramente o que ela comunica de forma verbal ou não-verbal.

[...] acreditamos que conhecer o aluno nas primeiras semanas do ano letivo é fundamental não só para a adaptação da criança no contexto escolar, como também para que o professor saiba com quem e como vai trabalhar, delineando práticas e intervenções consistentes que venham ao encontro das necessidades individuais de cada um. Outro ponto que merece destaque é o de que conhecer o aluno aproxima e transforma relações práticas e cotidianas em relações afetivas. (ESCARABOTO, 2007, p. 135).

Conhecer a criança parte, antes mesmo do trabalho pedagógico, da necessidade primitiva de um ambiente acolhedor para favorecer o desenvolvimento das relações afetivas, possibilitando trocas significativas a todos, em que, tendo como base esse ambiente confiável nas primeiras interações, é possível avançar gradativamente com o trabalho pedagógico, tendo em vista que o ambiente em que haja a escuta ativa e a afetividade pode incentivar a interação e participação das crianças ao se sentirem confortáveis para compartilhar suas hipóteses e experiências com os profissionais e colegas, tendo em vista que “Sabe-se que práticas educativas significativas somente serão estruturadas a partir da realidade dos alunos e do que lhes é significativo” (ESCARABOTO, 2007, p. 135).

Schmitt (2019) traz o período de adaptação escolar de bebês na perspectiva da ação docente e afirma que

Assim, a ação docente com bebês e crianças pequenas é compreendida, aqui, como uma ação educativo-pedagógica em todas as relações estabelecidas nesse contexto, sejam as que envolvem a ação direta da profissional com as crianças, sejam as ações em volta da organização do tempo e espaço que fomentam as possibilidades de interação da criança consigo mesma, com os outros e com o ambiente. Tal defesa remete à necessidade de a ação docente ser pensada, articulada a partir de bases conceituais que guiam a conduta do profissional, na forma como planeja, organiza e acompanha propostas para as experiências individuais e coletivas das crianças (SCHMITT, 2019, p. 316).

Com isso pode-se compreender a ação docente como um conjunto de práticas determinado por diversos fatores, ampliando o caráter educacional para além da simples interação com o bebê, envolve a necessidade de pensar, formular e reformular os espaços

interativos, considerar o meio, o contexto de cada criança, seus conhecimentos prévios e as questões técnicas de organização das atividades, do planejamento e da oferta de oportunidades de desenvolvimento. Como dito anteriormente todas essas dimensões articuladas podem promover uma educação significativa e possibilitar que a criança tenha acesso ao seu desenvolvimento integral, o que, no caso dos bebês é ainda mais necessário pensar no período de adaptação a partir de atividades flexíveis e de uma concepção do papel do professor bem consolidada e distante de estereótipos que centralizam o afeto no processo educativo.

A autora defende que “sob esta perspectiva de considerar a ação das crianças, neste caso, dos bebês, há a necessidade de reconhecer que a vulnerabilidade das crianças pequenas é concomitante à sua capacidade de agir e participar dos processos de socialização e educação”. Schmitt (2019, p. 317), nesse sentido a interação se desenvolve juntamente com o processo de desenvolvimento da criança, onde a mesma vai se mostrando mais participativa enquanto vai se apropriando do espaço a que foi submetida e elaborando suas percepções sobre o mesmo, o que reforça a importância da família nesse momento de primeiro contato com a escola para que ela se adapte a partir de um distanciamento gradual, respeitando seu processo de desenvolvimento e sua disponibilidade para interagir com o meio.

Diante do exposto é possível compreender o processo de adaptação escolar como um momento marcado por uma diversidade de fatores, que tanto contribuem quanto dificultam a adaptação final da criança ao novo espaço. Dentre fatores como o planejamento, a relação familiar com as crianças e com os profissionais da escola, a concepção de criança, a compreensão do papel da escola e do professor e os elementos que acometem a construção de vínculos, a afetividade se mostra um elemento indissociável do processo educativo na educação infantil, impactando de forma positiva para a plena adaptação da criança à escola.

A concepção de afetividade foi apresentada como muitas vezes reduzida a uma atribuição obrigatória ao exercício da docência, como sinônimo de boa educação, principalmente no período de inserção escolar em que a criança constrói seu primeiro contato com o ambiente e os adultos de referência e pode se mostrar mais vulnerável. Entretanto, o afeto deve ser visto como parte do processo educativo articulado às diversas dimensões que envolvem a educação, promovendo a construção de um ambiente propenso a interações e decorrente da indissociabilidade do educar e do cuidar.

Por fim, percebe-se que a quantidade de obras relacionando afetividade no período de adaptação não se mostra numerosa, revelando uma tendência de serem trabalhados nos artigos de forma separada e sem se articularem entre si, o que traz a necessidade de mais pesquisas para tratar da relação entre os dois temas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Feliz aquele que transfere o que
sabe e aprende o que ensina.*

Cora Coralina

A afetividade no período de adaptação escolar é importante e necessária, no sentido de ser parte fundamental no processo de construção de um ambiente seguro para a criança, que, em seus primeiros dias de inserção no meio escolar pode apresentar muitas dificuldades, principalmente na hora do distanciamento de seus pais. A afetividade deve ser concebida pelos envolvidos nesse processo como elemento de mediação e apoio à criança que visa a acolher e construir vínculos com os adultos de referência dos quais terá contato durante esse primeiro momento. O contato afetivo não deve se resumir a vivências pontuais e descompromissadas para com a criança, tendo em vista que esse apoio e acolhimento garante à criança o direito de se sentir confiante e segura em um ambiente diferente de sua casa e no qual passará bastante tempo de sua vida frequentando.

Essa concepção de afetividade também deve estar de acordo com uma prática planejada, em que a escola pense antecipadamente as atividades e interações a serem propostas nesse primeiro momento de contato com a criança. Essas atividades devem ser flexíveis, de forma que o adulto de referência tenha a criança e sua linguagem como principais focos de observação para posterior análise das atividades, sendo necessários, nesse sentido, que haja uma autoavaliação constante por parte desse adulto, em que ele analise suas próprias práticas e relacione com o que foi observado nas expressões das crianças ao realizarem as atividades. Esse processo de elaboração contínua e flexível das atividades realizadas no período de adaptação deve buscar considerar a criança e suas múltiplas linguagens, construindo em conjunto com ela e com a família estratégias que promovam a interação e participação ativa da mesma.

As múltiplas linguagens revelam para o adulto de referência os interesses, indagações, dificuldades, avanços, conquistas, hipóteses e nível de envolvimento que a criança expressa para além da fala verbalizada. Os gestos, balbucios, choros, desenhos, danças, brincadeiras, a forma como trata seus colegas, a forma como reage quando é deixada na escola, dentre outros, são algumas das inúmeras formas da criança expressar-se no mundo e, no caso, no período de adaptação. Com isso, ainda que não verbalize estar confortável com o ambiente escolar, é

possível analisar o processo de adaptação e sua efetividade a partir das múltiplas formas de ser e estar no mundo que a criança possui, o que garante ao professor uma infinidade de dados e pontos a serem considerados na avaliação das atividades propostas a partir da observação dessas expressões.

A tarefa de analisar a criança e o seu progresso no processo de adaptação à escola exige da pessoa que estiver com ela muita atenção, tendo em vista que muitos pontos podem deixar de ser percebidos na correria do dia a dia, pontos que seriam muito importantes para as considerações feitas na elaboração das próximas atividades propostas. Com isso, afetividade é um ponto fundamental na elaboração desse planejamento, pois, no momento em que se estabelece um ambiente afetivo, acolhedor e confiável, o adulto de referência e a criança conseguirão estabelecer uma comunicação mais próxima, em que não precise de muito esforço para que o adulto entenda o que a criança quer comunicar ou perceba suas angústias mais facilmente e para que a criança entenda o adulto da mesma forma.

Os primeiros dias da criança na escola exigem das pessoas envolvidas um olhar sensível para a construção desse contato mais próximo, pois, a partir de uma escuta ativa e olhar ativo para o que a criança comunica, pode-se garantir que todos encontrem a melhor forma de lidar com os medos e incertezas comuns dessa fase escolar. Nesse sentido, também é importante que os envolvidos considerem desde o início das relações com a criança as suas singularidades e especificidades, pois, ao ter em mente que cada criança é única e demanda direcionamentos diferentes, é possível que esse contato não se torne algo padronizado e mecânico, onde o professor segue à risca as orientações do plano esperando resultados iguais para todos. É preciso ter em mente que cada criança tem uma história de vida e conhecimentos prévios que interferem na sua forma de ver o mundo, e, portanto, cada uma apresenta ritmos diferentes nessa fase de inserção escolar, devendo o adulto de referência buscar conhecer sua criança, seu contexto social, sua cultura, suas experiências prévias, sua história e sua família, sendo o contato ativo com este último importantíssimo para o processo.

No processo de adaptação, a articulação entre os envolvidos parte da concepção de criança enquanto sujeito ativo e de direitos, que se encontra em fase de adaptação escolar, e, portanto, apresenta dificuldades e necessidades específicas. O adulto de referência parte da concepção de sujeito que está em contato com esse processo de adaptação e que tem certa influência sobre o mesmo, faz a mediação desse processo e provê os melhores meios para que se desenvolva no ambiente escolar a confiança e segurança necessárias ao progresso da criança, respeitando suas individualidades e construindo vínculos visando a suprir as necessidades da mesma. A família consiste no grupo mais próximo que a criança possui antes de entrar no

ambiente escolar e, com isso, é fundamental que ela se mostre consciente de sua importância na preparação e desenvolvimento das atividades a serem propostas nesse processo.

A escola é compreendida como uma instituição formadora da qual todos fazem parte em algum momento de sua vida, portanto, deve oferecer os meios necessários a tornar a inserção um processo tranquilo para todos os envolvidos, considerando os diferentes contextos e realidades dos indivíduos e promovendo a formação necessária para garantir uma prática pedagógica que considere o respeito às diferentes singularidades das crianças e aos seus diferentes ritmos. Nesse sentido, deve garantir que os profissionais atuantes tenham a oportunidade de conhecer e se conscientizar acerca dos elementos que envolvem o processo de inserção escolar, oferecendo formação aos mesmos para que percebam esse período a partir de uma perspectiva em que a afetividade e o acolhimento são considerados no planejamento desse período e praticados com intencionalidade pedagógica. Com isso é possível evitar concepções equivocadas acerca da afetividade enquanto favor ou atitudes sem fundamentação. A afetividade, como dito, é um elemento que possibilita uma experiência significativa e coerente com as necessidades apresentadas pelas crianças no momento em que chegam à escola com muitas dúvidas e medos.

A parceria entre os envolvidos no processo de adaptação é evidente tendo em vista que cada um pode compartilhar as percepções e experiências pessoais que tiveram com a criança, trazendo diferentes pontos de vista sobre a adaptação dela e possibilitando um diálogo que saia da dicotomia professor-aluno e trate de uma articulação entre os diferentes saberes dos diferentes envolvidos. Com isso, pode-se garantir que esse processo seja o mais próximo da realidade da criança e favoreça a construção desse ambiente acolhedor necessário para esse momento, possibilitando melhorias significativas e mantendo o caráter flexível das atividades propostas. Diferentes pontos de vista se articulam e promovem o desenvolvimento de um ambiente em que todos se ajudam, o que se reflete para a criança, que percebe e expressa de sua forma o nível de segurança que construiu com os envolvidos.

A família é uma das principais instituições sociais na vida dos indivíduos. É a partir dela que o indivíduo tem seu primeiro contato com o meio social, com sua cultura, com os sujeitos sociais que farão parte de sua vida, com a sua realidade. É através dela que desenvolve suas primeiras noções de ética, cidadania, coletividade, moral, política, e é através dela também que tem o primeiro contato com a escola. Dito isso, a família desenvolve um contato muito próximo com a criança, que é percebido em sua intensidade no momento do distanciamento que acontece justamente na inserção da criança ao ambiente escolar. A família tem muitos conhecimentos importantes acerca da criança, o que pode servir como recurso para facilitar a

adaptação da mesma à escola, o que só é possível a partir de uma relação de parceria entre a família e o corpo escolar.

No período de adaptação escolar, a família não deve ser desconsiderada do processo, pelo contrário, deve participar ativamente do mesmo, tanto adentrando a escola nos primeiros dias para que a criança se sinta mais segura, quanto no resto de toda a jornada escolar, participando dos diálogos entre os envolvidos, construindo vínculos com o corpo escolar, compartilhando seus saberes acerca da criança visando a oferecer recursos que auxiliem na prática dos professores.

A parceria com a família promove muitas vantagens ao processo de acolhimento da criança no contexto escolar, mas deve-se considerar os casos em que a mesma não tem as condições necessárias para participar de forma frequente da vida escolar da criança, nesse caso, é preciso que se busque as melhores estratégias para cada caso, garantindo sempre que o diálogo ocorra e que as trocas sejam significativas. Para isso, é preciso que haja uma conscientização da família que possibilite uma concepção do período de adaptação com uma fase que requer uma atenção especial, onde, a partir desse diálogo e parceria, possa ser possível construir os melhores meios de lidar com as dificuldades.

A partir da articulação entre os envolvidos é possível garantir que o processo de acolhimento da criança à escola disponha das melhores formas para a construção de um ambiente acolhedor e seguro, em que a criança se sinta confortável para interagir. Portanto, as ferramentas necessárias para que essa mediação aconteça se apresentam a partir de uma concepção de afetividade enquanto conduta com intencionalidade pedagógica, participação e diálogo entre a criança e os adultos de referência e um olhar sensível, que busque observar, a partir das múltiplas linguagens da criança, as compreensões que a mesma está construindo acerca desse processo, visando a adaptar as atividades de acordo com o que for observado, garantindo o caráter flexível do planejamento.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Conselho Municipal de Educação [de Fortaleza]. **Resolução Nº 002/2010**. Fortaleza, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Referenciais para a formação de professores**. Brasília, 1999.
- CARVALHO, R. S. O imperativo do afeto na educação infantil: a ordem do discurso de pedagogas em formação. **Educação e Pesquisa** [online], v. 40, n. 1, p. 231-246. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022013005000026>. Acesso em: 4 jul. 2021.
- ESCARABOTO, K. M. Sobre a importância de conhecer e ensinar. **Psicol. USP**. São Paulo, v. 18, n. 4, p. 133-146, out./dez., 2007. Disponível em: Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642007000400009>. Acesso em: 4 jul. 2021.
- FALK, J. **Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy**. 2. ed. Araraquara: Junqueira&Marin, 2011.
- FOCHI, P. ; REDIN, M. **Infância e Educação Infantil II**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2014.
- MONTESSORI, M. **Mente absorvente**. Rio de Janeiro: Nórdica, [1987]. 316 p.
- MOTTA, F. N. Notas sobre o acolhimento. **Educação em revista**. Belo Horizonte, v. 30, n. 04, p. 205-228, out./dez., 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/w6GqBPzMmr7mmGwzryfXc7z/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 julho de 2021.
- OLIVEIRA, S. C. M. D. **O processo de adaptação das crianças na educação infantil: os desafios das famílias e dos educadores da infância**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2018. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/153912/oliveira_scm_dr_prud.pdf. Acesso em: 01 julho de 2021.
- PANTALENA, E. S. **O ingresso da criança na creche e os vínculos iniciais**. 2010. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-23062010-115822/>. Acesso em: 01 julho de 2021.
- SCHMITT, R. V. Relações entre adultos e bebês na educação infantil: indícios para compreensão de uma docência não linear. **Revista Poiésis**. Universidade do Sul de Santa Catarina, v. 13, n. 24, p. 313-330, jul./dez., 2019. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/8217/4632>. Acesso em: 01 julho de 2021.
- STRENZEL, G. R. **Tempo de chegada na creche: conhecendo-se e fazendo-se conhecer**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/%25x>. Acesso em: 01 julho de 2021.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Tradução de Ana Maria Bessa. Lisboa: Edições 70, 1968.